Boletim Conjuntural Semana 37/2026 – 10 de setembro de 2026

SOJA 2
TRIGO 2
SUÍNOS 3
FRANGOS 3
OVOS 5

A presente edição do Boletim Conjuntural traz análises sobre o momento de transição da safra agrícola paranaense, bem como as dinâmicas recentes de preços e custos que impactam a suinocultura e a avicultura no estado.

Nas culturas de campo, os produtores iniciaram de forma pontual o plantio da soja 2026/27 no Norte, Noroeste e Oeste. A expectativa é de que os trabalhos ganhem ritmo a partir do encerramento do vazio sanitário no Sudoeste e na Região Sul, consolidando o arranque da principal cultura do agronegócio paranaense. Em contrapartida, a colheita do trigo avançou rapidamente para aproveitar as janelas de tempo seco e evitar a perda de qualidade provocada pelo excesso de chuvas associado ao El Niño. Embora os rendimentos iniciais sigam em patamares modestos, os preços da saca registram valorização atípica, impulsionados pela redução da área semeada e por um cenário internacional favorável.

No setor de proteína animal, a suinocultura registra aumento no volume total de abates no país, refletindo-se em maior oferta no mercado interno e em quedas importantes no preço dos cortes suínos ao consumidor no Paraná. Essa retração amplia o diferencial competitivos perante a carne bovina, tornando-a uma alternativa atrativa no varejo.

A avicultura de corte e de postura (ovos), por sua vez, atravessa um período de margens operacionais pressionadas. O avanço na produção interna manteve as cotações do frango vivo e dos ovos estagnadas ou em leve recuo nas granjas. Ao mesmo tempo, o encarecimento de insumos essenciais para a ração, como o milho e o farelo de soja, provocou uma deterioração na relação de troca e reduziu severamente o poder de compra do avicultor

Boa leitura!

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O plantio da safra de soja 2026/27 já está liberado na Região II, que compreende os municípios do Norte, Noroeste e Oeste do Paraná. Nessas regiões, o plantio ainda é tímido, até o momento, foram plantados apenas 81 mil hectares dos 5,76 milhões previstos para este ciclo em todo o Estado. Historicamente, o plantio da soja concentra-se no mês de outubro.

A partir desta semana, mais especificamente no dia 11/09, estará liberado o plantio de soja na Região III, que compreende o Sudoeste do Estado. Já na Região I, onde estão os municípios localizados mais ao sul do Paraná, o vazio sanitário da soja termina no dia 19/09. Com a liberação gradual do plantio nas diferentes regiões, a expectativa é que a partir do dia 20 de setembro os trabalhos no campo se intensifiquem, se o clima for favorável.

TRIGO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

A colheita do trigo no Paraná saltou de 5% para 20% da área estimada na última semana. Essa aceleração no ritmo dos trabalhos no campo está ligada tanto ao tempo mais quente deste ano quanto à pressa dos produtores em colher para não serem atrapalhados pelas chuvas. O recolhimento dos grãos avança um pouco mais rápido do que na safra anterior (12% na semana equivalente) e, em termos comparativos, as condições gerais das lavouras seguem melhores do que as registradas no mesmo período do ano passado.

As produtividades obtidas até o momento foram decepcionantes, embora fiquem em linha com o início da colheita do ano passado, quando o estado acabou alcançando rendimentos recordes. A partir de agora, a colheita avança pela região onde as chuvas foram mais volumosas e recorrentes, que, assim como as temperaturas mais altas, vão confirmando os impactos do El Niño para o estado. As precipitações expressivas registradas na metade sul desde agosto dificultaram a aplicação de fungicidas, sobretudo no Sudoeste, aumentando a pressão de doenças. Ainda assim, nos intervalos de tempo seco, tem sido possível colher o trigo com umidade adequada. A previsão de mais chuva para os próximos dias mantém os triticultores sob pressão para aproveitar

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

cada janela de tempo firme e evitar perdas de rendimento e qualidade.

Estas tensões climáticas, somadas à diminuição da área semeada localmente e a uma conjuntura de preços internacionais favoráveis, geraram uma valorização atípica no início da safra. Em setembro, a maioria das praças paranaenses praticava valores iguais ou superiores a R$ 78,00 por saca, indicando que o resultado de setembro deve superar o patamar de agosto (R$ 74,90), marcando o sétimo mês consecutivo de alta, bem como superar os R$ 71,62 praticados em setembro do ano anterior. Os valores atuais também se aproximaram do custo variável estimado em agosto (R$ 77,18) pelo Deral e do preço mínimo estipulado pelo Governo Federal para a região Sul (R$ 78,51 – Pão, tipo 1).

SUÍNOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

Segundo a Pesquisa Trimestral de Abates, elaborada pelo IBGE, foram abatidos 15,6 milhões de suínos no segundo trimestre de 2026. O total de abates resultou em 1,49 milhão de toneladas de carne, cerca de 500 mil cabeças e 70 mil toneladas a mais do que o registrado no mesmo período de 2025.

Esse aumento na disponibilidade de animais vem influenciando os preços observados no varejo. No Paraná, segundo a pesquisa de preços no varejo elaborada pelo Deral em agosto, os principais cortes suínos (paleta e pernil, com osso) já acumulam quedas superiores a 20% em relação ao mesmo mês do ano passado. Esses cortes foram comercializados, em média, por R$ 14,15/kg.

Com a queda nos preços da carne suína e a valorização da carne bovina ao longo do ano, a diferença de preços entre as duas proteínas tem se ampliado, tornando a carne suína uma alternativa mais atrativa ao consumidor. Alguns cortes bovinos estão atualmente 22% mais caros do que há um ano.

FRANGOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Segundo dados da pesquisa da SEAB/DERAL, em agosto de 2026, o preço nominal médio do frango vivo ao produtor no Paraná alcançou R$ 4,73 por quilo. Esse valor representou uma sutil retração de 0,2% (menos R$ 0,01/kg) em relação a julho do mesmo ano, quando o valor era de R$ 4,74 por quilo, e uma queda de 3,9%

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

(menos R$ 0,19/kg) em comparação com agosto de 2025, cujo preço médio foi de R$ 4,92 por quilo. Na comparação com janeiro de 2026, quando o frango vivo custava R$ 4,62 por quilo, o patamar de agosto sinaliza um aumento de 2,4%.

Enquanto a cotação do frango na granja apresentou oscilação contida, os principais insumos da alimentação avícola registraram altas expressivas no mercado estadual. O preço do milho no atacado paranaense em agosto de 2026 atingiu R$ 64,56 por saca de 60 kg, o que representa uma alta de 4,8% frente a julho, quando custava R$ 61,62, e um avanço de 6,9% em relação ao mesmo mês de 2025 (R$ 60,40). Para efeito de comparação, o preço nominal médio do milho fechou 2025 em R$ 66,30 por saca. Paralelamente, o farelo de soja atingiu o valor de R$ 1.973,53 por tonelada em agosto, ficando 5,4% acima do valor registrado em julho (R$ 1.873,18) e subindo 17,0% na comparação com o mesmo período do ano anterior, quando era negociado a R$ 1.686,39 por tonelada.

Esse descasamento entre o valor do frango e a alta dos insumos resultou em uma deterioração da relação de troca para o avicultor. Em agosto de 2026, foram necessários 227 kg de frango vivo para adquirir uma tonelada de milho, frente aos 205 kg exigidos em igual mês de 2025, o que representa uma perda de 10,7% no poder de compra do produtor. A situação mostrou-se ainda mais desfavorável na relação com o farelo de soja: para comprar uma tonelada do insumo proteico, o avicultor precisou desembolsar 417 kg de frango vivo, contra 343 kg necessários no mesmo período do ano passado, configurando uma piora de 21,6%.

Ao analisar a dinâmica do mercado entre janeiro e agosto de 2026, percebe-se que, enquanto os preços do frango vivo subiram 2,4% na granja, os cortes no atacado acumularam baixas. O frango resfriado recuou 5,9% no período, alcançando R$ 7,62 por quilo, acompanhado pelas quedas no peito (menos 15,3%) e na coxa com sobrecoxa (menos 10,0%).

No varejo, o comportamento foi divergente: o frango resfriado registrou um leve incremento de 2,4%, mas os cortes com osso sofreram baixas acentuadas, com o peito caindo 17,0% e a coxa com sobrecoxa recuando 17,6%. Quando o comparativo toma como base o mês de agosto de 2025, constata-se que tanto o frango vivo quanto seus derivados

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

apresentaram recuo em todos os elos da cadeia produtiva.

Em 12 meses, os preços caíram 3,9% ao produtor, no atacado (com quedas de 3,5% no frango resfriado, 11,4% no peito e 2,6% na coxa com sobrecoxa) e no varejo (onde o frango resfriado caiu 4,3%, o peito recuou 15,0% e a coxa com sobrecoxa diminuiu 14,0%).

Essa trajetória de menor patamar de preços em relação ao ano passado é explicada principalmente pelo aumento na oferta nacional da proteína animal. Segundo o IBGE, no 2° trimestre de 2026, foram abatidas 1,69 bilhão de cabeças de frango no país, resultado 2,8% superior ao obtido no trimestre equivalente do ano anterior e 1,2% menor do que o verificado no 1° trimestre de 2026. Em termos de volume, o peso acumulado das carcaças atingiu 3,74 milhões de toneladas no 2° trimestre de 2026, representando acréscimos de 5,1% em relação ao mesmo período de 2025 e de 0,1% frente ao trimestre imediatamente anterior.

Contudo, além da maior disponibilidade de produto no mercado, os valores foram pressionados pela menor procura a partir da segunda quinzena de agosto, pelo acirramento da concorrência com outras carnes e pelo menor poder aquisitivo das famílias brasileiras, cujo orçamento se encontra limitado pelo elevado endividamento.

OVOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Conforme levantamento da SEAB/DERAL relativo a agosto de 2026, o preço nominal médio do ovo tipo grande ao produtor no Paraná alcançou R$ 145,01 por caixa de 30 dúzias. O valor representa um avanço de 16,6% (+R$ 20,61) frente a janeiro de 2026 (R$ 124,40) e uma ligeira retração de 0,4% (-R$ 0,61) em relação ao mês anterior (julho: R$ 145,62). Na comparação interanual (agosto de 2026 versus agosto de 2025), observa-se um recuo de 4,3% (-R$ 6,24) sobre os R$ 151,25 registrados no mesmo período do ano anterior.

Paralelamente à movimentação dos preços do produto, o custo dos principais insumos avícolas apresentou trajetória ascendente no estado. No atacado paranaense, o preço do milho atingiu R$ 64,56 por saca de 60 kg em agosto de 2026, com altas de 4,8% (+R$ 2,94) na comparação mensal (julho: R$ 61,62/sc) e de 6,9% (+R$ 4,16) frente ao valor

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

praticado em igual mês do ano anterior (R$ 60,40/sc), patamares próximos à média nominal fechada em 2025 (R$ 66,30/sc). Da mesma forma, o farelo de soja registrou valor médio de R$ 1.973,53 por tonelada em agosto de 2026, montante 5,4% (+R$ 100,35) superior ao do mês anterior (R$ 1.873,18/t) e 17,0% (+R$ 287,14) acima do preço verificado em agosto de 2025 (R$ 1.686,39/t), superando a média histórica nominal de 2025, que havia encerrado em R$ 1.841,73 por tonelada.

Analisando a evolução dos preços nos diferentes elos da cadeia de comercialização, nota-se que, no acumulado de janeiro a agosto de 2026, houve reajustes positivos na granja (+16,6%), no atacado (+14,9%) e no varejo (+17,1%), com o preço da dúzia ao consumidor final passando de R$ 7,79 em janeiro para R$ 9,12 em agosto. No entanto, sob a perspectiva interanual (agosto de 2026 contra agosto de 2025), os preços registram retração generalizada nos três níveis do mercado: produtor (-4,3%), atacado (-12,0%) e varejo (-4,7%).

Na comparação pontual de agosto em relação a julho de 2026, verificaram-se baixas na granja (-0,4%) e no atacado (-0,02%), ao passo que o varejo sustentou uma modesta elevação (+2,0%). Essa desvalorização nos elos primários é explicada pela combinação entre uma demanda desaquecida, uma oferta interna em expansão e a maior acessibilidade dos consumidores a proteínas animais concorrentes.

A expansão da oferta é corroborada pelos dados da Pesquisa Trimestral de Produção de Ovos (POG/IBGE), que revelam que a produção total nacional para consumo (in natura, industrializados ou para exportação) atingiu 4,082 bilhões de dúzias em 2025 - crescimento de 6,1% em relação ao volume de 2024 (3,848 bilhões de dúzias). Esse montante equivale a 48,984 bilhões de unidades, o que representa um acréscimo absoluto de 2,808 bilhões de ovos frente ao ciclo anterior. O comportamento de alta estendeu-se ao longo de 2026: no primeiro trimestre, a produção atingiu 1,21 bilhão de dúzias (alta de 0,4% em relação ao mesmo período de 2025 e recuo de 3,5% frente ao quarto trimestre de 2025); já no segundo trimestre, a produção avançou para 1,25 bilhão de dúzias, assinalando crescimentos de 0,3% na comparação interanual e de 2,6% frente ao primeiro trimestre do próprio ano.

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**

Como consequência da elevação nos custos das rações (altas interanuais de 6,9% no milho e de 17,0% no farelo de soja) acompanhada do enfraquecimento dos preços recebidos pelo avicultor, a rentabilidade da avicultura de postura sofreu expressiva deterioração em agosto de 2026. Essa conjuntura refletiu-se diretamente na piora da relação de troca. Para a aquisição de uma tonelada de milho, foram necessárias aproximadamente 7 caixas de ovos de 30 dúzias (+4,5%), contra 6,7 caixas exigidas em agosto de 2025. O impacto foi ainda mais pronunciado no insumo proteico: para adquirir uma tonelada de farelo de soja, foram necessárias 13,6 caixas de ovos (+8,3%), ante apenas 11 caixas entregues no mesmo período do ano anterior.

Por se tratar de uma proteína perecível - com validade média estimada em 30 dias sob refrigeração a 10 °C — e altamente sujeita à dinâmica promocional do varejo, o mercado de ovos apresenta forte oscilação de preços dependendo da intensidade da demanda final.

De acordo com agentes do setor, o cenário recente de preços contidos decorre prioritariamente do menor volume de vendas, reflexo do comprometimento do poder de compra das famílias brasileiras. A expectativa para o curto prazo é de um mercado acomodado nos próximos dias, com potencial de retomada no ritmo das negociações a partir da virada do mês, momento favorecido pela entrada da massa salarial e pela recomposição do abastecimento doméstico.

***Reprodução autorizada desde que citada a fonte**